

Carlos Medina Ribeiro

JEREMIAS NA ZZZ...

...a firma onde «andar a dormir é glorioso»!



Desenho de Paulo Buchinho

Série de 11 episódios inéditos que vieram a dar origem
aos restantes livros do Jeremias (ou onde ele aparece)

Introdução

Actualmente, este texto quase só tem um interesse *histórico* (pomposa palavra!).

É que foi a partir destes 11 episódios (publicados na Janela na Web em 1996-7) que veio a tomar forma a personagem do Jeremias, jovem engenheiro informático cheio de boas intenções.

Dado que a FCCN se ofereceu para organizar um *site* só dedicado a ele, este texto teria de lá figurar.

Algumas partes vieram a ser re-escritas e incluídas nos futuros livros (também disponíveis em www.jeremias.com.pt).

Como se pode ver na «capa», o primeiro *cartoon* foi do Paulo Buchinho. No entanto, por razões relacionadas com a Editora BaleiAzul, o aspecto final de Jeremias foi a que José Abrantes lhe deu (com rabo-de-cavalo, óculos, etc...).

Outubro de 2002

Jeremias na ZZZ

(Título inicial: «Ó Jeremias, são só uns dias!»)

Grande e inspirado romance, em que se narram as espantosas aventuras do Jeremias, personagem tirado dos contos de Grimm, obrigado por capricho do autor a viver alguns dias num sinistro lugar dominado por inforfóbicos de várias espécies e cataduras.

Capítulo I

Um grande problema

Há um grande problema na firma ZZZ!

Por iniciativa do Jeremias a hierarquia acedeu, por fim, a comprar um NetPac e - mesmo contra alguns ventos e marés - o número do respectivo *e-mail* começou a ser divulgado para todo o mundo.

Como era previsível, começaram a chegar - vindas das mais estranhas origens - mensagens de correio electrónico para os colaboradores da empresa. E isso criou um outro tipo de problema:

Dado que só havia um endereço para 1200 pessoas, como é que se iria fazer enquanto não se arranjasse um endereço para cada um?

E, ainda por cima, a ZZZ tinha delegações em várias cidades do país. (É que, no seguimento de uma acertada medida de economia e racionalização de custos, também neste caso o endereço era o mesmo para todas).

Havia então três soluções possíveis a encarar:

- 1 - Nomear-se uma comissão para pensar no problema.
- 2 - Deixar-se ao critério de cada um ir ver se havia ou não correio.
- 3 - Deixar *evoluir o problema naturalmente...*

E foi assim que começou tudo...

1 - Os trabalhos da Comissão:

Dada a gravidade do assunto, o Chefe consultou o Subchefe, que pediu o parecer do Adjunto, que deu conta das suas preocupações ao Gabinete de Informática.

Foi feito um primeiro relatório, que foi mandado rever por uma comissão de um perito.

Dado que foi considerado não-conclusivo, foram pedidos mais dados técnicos e um levantamento exaustivo dos recursos humanos e informáticos relacionados com a área tecnológica envolvida.

Além disso, sendo que o assunto era Correio e Electrónica, em breve ficou claro que o maior problema iria ser decidir a quem competia a tarefa. Visto que:

Sendo um assunto de Correio, devia ser um Secretariado;

Sendo um assunto de Electrónica & Informática, devia ser o respectivo GOD (Gabinete Operacional de Desenvolvimento).

Posta a questão assim claramente, ficou estipulado avançar de imediato, e simultaneamente, com as soluções 2 e 3.

2 - O critério de cada um

Os mais cépticos (que os há sempre...) seguiram o exemplo do Jeremias:

- inscreveram-se na Telepac¹
- compraram um modem privativo
- passaram a dar às pessoas o seu endereço particular...

Os outros, dividiram-se em duas grandes famílias:

- a desclassificada colectividade dos “que-se-lixer”
e
- a respeitável classe dos “O que é isso de *e-mail*?!”

E, assim, Jeremias e os seus apóstolos iniciaram um baile tecnológico divertido:

Todos os dias e mais do que uma vez, a par do seu correio particular, iam ver também o geral da empresa. Levantavam as mensagens, tendo o cuidado de activar sempre a opção “leave mail on server”, para que os outros as pudessem ver posteriormente.

¹ Nota de Outubro de 2002: na época em que o texto foi escrito, a Telepac era o único ISP português.

E, devido a esse artifício, a mesma mensagem podia ser levantada 5, 10... 20 vezes... até se descobrir para quem era!

3 - A evolução natural do problema

No decorrer de 1... 2... 6... meses... o problema foi evoluindo naturalmente.

Havia entretanto tomado posse uma outra comissão altamente especializada, encarregada de analisar as repercussões do problema, mas em termos tecnológicos e numa perspectiva global, incluindo Home-Page, EDI, e toda essa colecção de modernices que nos fazem a vida negra e que sempre dispensámos bem...

Entretanto, o maluquinho do Jeremias continuava a sua estranha cruzada em prol das novas tecnologias. Coitado! Parecia um missionário, falando de bits e de modems como se fossem a salvação do mundo!

Riam-se dele, e quando tentava explicar aos incrédulos como se recebia um simples e-mail, ouviam-no com mal disfarçada pena...

«O que o Jeremias diz entra-me por um ouvido e sai-me pelo outro!»
- dizia um.

«Pois, quanto a mim, nem sequer chega a entrar por ouvido nenhum!» - completava outro.

Até que um dia o Jeremias viu aproximar-se a sua coroa de glória:

«Ó Jeremias !» - era o inefável Dr. Soninhos que o abordava pelo telefone interno. «Você não me fazia um favor?»

O nosso amigo, já conhecendo este tipo de início de conversa, não se surpreendeu com a continuação:

«É que dizem que vão chegar, para mim, uns ficheiros importantes ... Você não era capaz de mos receber?»

Jeremias teve um acesso de raiva! Quantas vezes já quisera ensinar o Dr. Soninhos a ver o e-mail e ele se furtara a aprender, armado em snob?! Aliás, só comparava essa rapaziada patusca aos faraós, do tempo em que havia escribas, ou aos nobres medievais que se gabavam de não saber ler...

Mas conteve-se, e até conseguiu ser simpático:

«Ó Dr.! Venha ao meu gabinete, que eu ensino-o a levantar o correio da Internet...»

«Ai é essa a sua resposta?! Então você quer aplicar em mim o ditado “não lhe dêis peixe, ensina-o a pescar”?»

«Claro, Doutor! E não acha óptimo que seja assim?»

«Tá bom... já aí vou...» - respondeu o outro, engolindo a “afronta”...

Mas o nosso doutorado não é pessoa para grandes pressas... e apareceu ao fim de uma hora, arrastando os pés, apenas para “dar uma satisfação pessoalmente”:

«Deixe lá, ó Jeremias... Eu já vi que isso é tudo muito complicado, e pedi para me enviarem o ficheiro por avião. A minha secretária vai amanhã ao aeroporto buscar a disquete...»

E pensar que o nosso amigo até já tinha ligado o modem mal viu o outro aparecer ao fundo do corredor!

Sem mais comentários, mas pensando coisas que não se podem transcrever numa crónica destas, o Jeremias ligou-se à Internet e levantou, mesmo assim, os ficheiros do outro!

Depois, sem lhe dizer nada e sabendo que se destinavam a um colaborador directo do Doutor, levou-lhos por mão:

«É uma surpresa para o seu chefe...» - informou. «São os ficheiros que vocês estavam à espera para acabar o trabalho...».

Calmamente, pouco preocupado com a possível urgência do assunto, o adjunto pôs mãos à obra, descomprimiu os ficheiros e tentou abri-los. Mas, oh surpresa!!!

O que conteriam os estranhos ficheiros do Doutor Soninhos?!

Será que Jeremias, involuntariamente, estava a pôr a nu algum segredo inconfessável?!

O que será que era tão comprometedor?!

Qual a tara secreta do Dr. Soninhos que ia aparecer à luz do dia?!

Não perca a continuação desta história, que promete ser fogo!!!

Capítulo I I

Ficheiros secretos

Como estarão recordados, Jeremias, sempre armado em bom samaritano, trouxe, à revelia do Dr. Soninhos, alguns estranhos ficheiros a este destinados...
Vejam como evoluiu a história!

«**Q**ue raio, ó Jeremias! Estes ficheiros não se conseguem abrir! Você já viu a referência disto? Não consigo fazer nada com os gajos!» - era o adjunto do doutor, em luta com os ficheiros misteriosos!

Mas isso não era problema para o nosso amigo!

Voltou para a secretária, ligou-se de novo à Net, e fez uma rápida pesquisa.

Não lhe foi difícil encontrar informações sobre o tipo de estranhos ficheiros que recebera, mas o conversor necessário teria de ser adquirido. E, tratando-se de gastar dinheiro... estávamos conversados!

Ou melhor: às vezes até se arranjava o dinheiro, mas era preciso enviar o pedido por escrito a uma comissão de peritos.

A resposta, que por vezes até era dada, teria em conta vários aspectos, entre eles: “quem foi o gajo da ideia?”

De qualquer forma, não desistindo nunca, Jeremias enviou um e-mail ao remetente dos ficheiros com um pedido de reenvio num formato mais usual.

À noite, chegando a casa, foi ver se já teriam vindo. Nada! Decerto o expedidor, confrontado com o inteligente pedido de um envio por avião, fizera-lhe a vontade!

No entanto havia OUTRO ficheiro! Igualmente urgente, e para outra pessoa, desta feita da delegação de Moimenta da Beira.

Jeremias puxou-o e guardou-o na directoria zzz, destinada aos casos habituais... No dia seguinte (usando um requintado processo tecnológico patenteado pela empresa do meu querido amigo Oliveira), telefonaria para lá (ou enviaria um fax...) dizendo:

«Atenção, pessoal! Vão ver o *e-mail!*».

De manhã cedo, antes de sair para o trabalho, o nosso amigo foi ver de novo o seu correio e aproveitou para verificar se ainda estaria no server da Telepac o original do outro.

Surpresa: Nada!

«Bolas, que os tipos lá da Beira já estão a trabalhar e já levantaram o correio!» - pensou ele.

Mas, pelo-sim-pelo-não, passou o ficheiro para uma disquete, acautelando a hipótese de o original se ter extraviado.

Chegado ao emprego não resistiu e ligou para os colegas.

E, qual não foi a sua surpresa, quando soube que ninguém fora buscar nada à Internet!

«Lá se extraviou! Ainda bem que tenho aqui a cópia!» - pensou ele.

Mas gelou-se-lhe o sangue: perdera a disquete!

Quando já desesperava, lembrou-se que não a tirara do computador, acometido por uma inadiável vontade de fazer chi-chi.

«Bem... não é grave...» - comentou de si para consigo. «Telefone ao meu miúdo, e ele mesmo faz o reenvio do ficheiro! O que vale é que a juventude, agora, é um espanto!»

Eu pude assistir ao telefonema:

O filho do Jeremias acordara estremunhado:

«Pai... estava a dormir... pode ser mais daqui a bocadinho?»

«Claro, filho... vai lá dormir mais uns minutos... senão ainda me apagavas o ficheiro! Depois liga para cá, quando estiveres bem acordado!»

Passado meia hora tocou o telefone:

Era o garoto:

«Pai, agora vou sair... Telefonou-me a Micas... sabes como ela é... tenho que ir já...»

O Jeremias até costuma ser um tipo calmo... não percebo porque é que partiu o telefone logo nessa altura!

Pegou nas chaves do carro e decidiu ir a casa de novo.

Evitarei relatar pormenores sobre os engarrafamentos às 9 e meia à entrada de Lisboa...

Poupar-vos-ei às imprecações do Jeremias, apenas imagináveis por pessoas malcriadas...

Não vos falarei da multa por estacionamento proibido quando subiu a casa por 2 minutos...

De novo de volta à empresa, recebeu uma novidade:

Enquanto saíra, fora contemplado com um novo computador! Libertara-se do velhinho e fiel Macintosh de 1986 (sim, são como o Volkswagen, ainda vivem!!!) e recebera um Pentium 120!

Só havia um pequeno problema: o modem deixara de servir... Como é que, agora, ia enviar o ficheiro para Moimenta da Beira?

Poupar-vos-ei, também, às sucessivas peripécias... Acabou tudo em bem, usando um outro modem... particular de um outro Jeremias.

Mas tudo isto fora demais para os nervos do rapaz!

Resolveu comunicar à hierarquia que, a partir desse momento, deixaria de ser criado dos outros, até porque, sem modem, não podia sê-lo - mesmo que quisesse...

Posto o problema ao Chefe, auscultou-se o Subchefe, e encarou-se a hipótese de encomendar um estudo aprofundado ao GOD, dado que o DOG (Departamento de Organização & Gestão) estava assoberbado de trabalho.

Acabou por prevalecer a opinião de que, se o termo era Correio Electrónico, o substantivo era correio, e electrónico era o adjectivo. Pelo que o assunto, para se ser objectivo, deveria ser entregue a um Secretariado.

A qual? É que, na ZZZ há vários secretariados e inúmeras secretárias.

E todas especializadas:

As que só escrevem e não lêem; as que só lêem e não escrevem; as que traduzem desde que não as mandem atender telefones, e mais umas duas ou três não tão especializadas, mas que ninguém sabe como reagiriam se lhes pedissem para abrir o e-mail todos os dias...

Jeremias foi então nomeado para integrar sozinho a comissão de auscultação dos estados de espírito, tarefa habitualmente confiada ao Dr. Guarani, dos Recursos dos Manos.

Sendo pessoa de fino trato, ninguém melhor do que o nosso amigo Jeremias, na verdade, para convencer uma das senhoras...

O assunto foi posto clara e francamente:

«Sra. D. Rosa, a hierarquia designou-me para a informar que a senhora foi escolhida para a missão de ver o correio electrónico da empresa. Sendo tarefa de grande responsabilidade, pensaram em si...»

A resposta, pelo seu primarismo e habitualidade, não era de todo inesperada:

«E acha que me pagam para isso?»

«Ó D. Rosa» - argumentou o Jeremias fazendo o seu melhor sorriso «Hoje em dia, abrir o e-mail é equivalente em termos sócio-profissionais - e de dificuldade igual - a abrir um envelope!»

Bem, depois de alguns perspicazes argumentos deste tipo, inúmeros galanteios e muitos sorrisos, só faltava um computador para a D. Rosa. E até havia um outro Macintosh vago, (mais ancião ainda que o do

Jeremias, tão velho que já ninguém o queria) mas que serviria muito bem para receber correio.

Era agora preciso, apenas, obter a aprovação do GCD (Gestor dos Computadores Disponíveis), personagem de reacções imprevisíveis apologista do lema: “traga-me um problema e leve dois!”.

Conhecendo-o já de longa data, Jeremias resolveu evitar grandes conversas e colocou-lhe o assunto por escrito.

«Comecemos pelo que interessa: você, na sua comunicação, escreveu: 21-2-97. Ora você não sabe que se deve escrever 97-02-21?! Quanto ao resto: o assunto tem que ser estudado... Dentro de um mês estarão reunidos os computadores sobranes e verei o que se pode fazer. Terei em devida conta o seu pedido. Não o favorecerei nem prejudicarei, pois acho que o serviço deve sobrepor-se às relações pessoais. Não me interrompa! Eu é que o interrompo! Estou certo, ou tenho razão?».

De nada valeu ao Jeremias dizer-lhe que o tal computador Macintosh estava mais do que vago (tinha até por alcunha O Alan Turing...); de nada lhe valeu, também, dizer que oferecia à casa, como brinde, o seu modem (agora sem uso, e que podia ser ligado a esse Macintosh)...

«Deixe o passado! Pense mas é no futuro! Você já viu se o seu novo computador está preparado para o problema de mudança de data no ano 2000?»

Jeremias mostrou-se agastado por o outro, como de costume, estar a desconversar. E disse-lho.

«E sabe porque é que estou a desconversar, como você diz??» - retrucou o Gestor de Computadores, furioso.- «É para não me irritar mais, porque a culpa desta cegada é toda sua! Quem é que o autorizou a usar modems particulares aqui na empresa?! Com que direito é que, em casa - e é você que o diz!!! - abre e guarda o correio da ZZZ?! Ao menos, eu, não envio nem recebo e-mails nenhuns!»

Jeremias saiu sem responder. O que valia é que era sexta-feira!

Ao chegar a casa ligou-se à Net.

«Oh, não!!! Isto é de mais!!!» - exclamou o nosso amigo siderado.

O que terá sido que Jeremias encontrou na Net?!!!!

Já se sabe que a Internet é um mundo, mas será que até ISSO lá havia?!!

E logo ISSO?!

Eram emoções a mais em tão pouco tempo!

Não perca a continuação por nada deste mundo!

Capítulo I I I

O Hardware

Cansado da vida, da empresa e do mundo, Jeremias, chegando a casa, correrá para o computador e ligará-se aos Newsgroups.

«Vamos lá dar um saltinho ao alt.binaries.lingerie.erotica para desopilar...» - suspirara ele, recostando-se na cadeira.

«Oh, não!!! Isto é demais!!!»

(Foi aliás assim que, como se lembram, acabou o capítulo anterior).

Jeremias dera de caras com uma fotografia apanhando vários monitores:

«O soutien da Jane Mansfield!!! A minha tara secreta!!!»

Mas antes, e pela força do hábito, fora ver se havia correio. Havia, e era coisa (também...) grande!

Lembrou-se, então, que deixara de manhã o programa configurado para o e-mail da empresa...

«Bem, já agora, vamos lá a ver o que veio...» - suspirou. «ESSA NÃO!!! Um ficheiro para o Dr. Soninhos e outro para O Gestor de Computadores!! Nem aqui me livro daquelas aves!!!».

Passou-lhe então uma tenebrosa ideia pelo cérebro...

Recuperar os ficheiros, modificá-los com requintes de perfídia, e voltar a pô-los no server da Telepac...

Mas conteve-se... ainda havia tempo... a vingança serve-se fria...

— ooOoo —

No dia seguinte, o Dr. Soninhos estava eufórico:

A secretária trouxera-lhe os tais ficheiros, numa disquete protegida...

Mas algo de muito estranho se passava... em vez de vir num envelope - como seria de prever - vinha num embrulho espesso e pesado...

Jeremias, ao longe, observava tudo... o mistério adensava-se...

De súbito, um grito irrompeu no corredor:

«Ora mas que g' anda porra!!!!»

Era o Doutor a desabafar...

O que se passara?!

Passara-se o seguinte:

o correspondente do Doutor resolvera (a pedido deste) proteger a disquete. Não sabendo como o fazer, e vendo num dos cantos dela um pequeno desenho de um cadeado... fizera isso mesmo!

Um furo... e truca! um aloquete!

«A chave segue por correio separado. Por segurança»

Jeremias aproximara-se, ao ver o outro em vias de uma apoplexia:

«Ainda bem que aí está, Jeremias, veja só isto que aquela besta fez!»
- e exibia, tremendo, a disquete furada.

«Eu sei que é mesmo assim, Jeremias !... Mas aquela besta vai mandar a chave pelo correio, e eu preciso dela AGORA!»

Chegara a hora da vingança!

«Ó Dr., não se enerve... claro que é mesmo assim... Ora dê cá isso, e vá descansar!»

Não se imaginam os requintes de malvadez de que uma santa alma é capaz! O nosso informático correu para o computador, ligou-se de novo à Net, procurou febrilmente o tal software para converter os ficheiros da véspera, conseguiu arranjar uma cópia meio pirata e - voltando a aceder aos ficheiros iniciais - traduziu-os facilmente...

Guardou-os então numa disquete azul...

«Agora vamos ao que interessa!» - gargalhou entre dentes.

Pegou numa pequena serra de ferro e em pouco tempo abriu o cadeado. Depois, com requintes de especialista, desmontou o disco plástico furado e substituiu-o pelo da disquete azul...

E foi essa disquete (boa por dentro mas com um furo na caixa...) que ele levou ao pobre do Dr. , que não coube em si de contente!

Mas o que começou por ser uma pequena brincadeira quase se transformou num pesadelo...

Por ordem do Dr. Soninhos todos os ficheiros confidenciais foram metidos em disquetes que ele próprio, com um pequeno berbequim... iria proteger...

«Ao que chega um licenciado!» - queixava-se ele... «Ter que recorrer ao mais árduo trabalho manual!»

Aliás, foi ao tentar descodificar esse estranho desabafo que Jeremias se apercebeu do que se preparava!

Na bancada improvisada, o Relatório Anual de Contas já esperava a sua vez...

«Eu trato disso, Dr... Deixe, que eu trato disso por software...»

«Qual software, qual nada! Hardware, meu caro subordinado! Hardware! Nunca ouviu dizer que o que hard cura?!» - e riu-se alarvemente, satisfeito com o seu humor de fino recorte...

O nosso amigo, então, com o cérebro activado pela palavra “arde”, teve uma brilhante ideia:

«Claro, Sr. Dr... será então por ardeware... mas por um método evoluído, se me permite...»

«Faça como quiser, Jeremias. Confio em si plenamente! Mas nada de grandes modernices, hem?»

E foi assim que o nosso amigo, com lacre... protegeu os documentos confidenciais da empresa... sem estragar as disquetes...

O Dr. Soninhos, em termos tecnológicos, está nas mãos do nosso amigo!
A vingança, mais do que terrível, adivinha-se divertida!
O que será que o proficuo cérebro do nosso herói magicou?
Não perca o próximo capítulo!

Capítulo I V

Um *bit* a menos

Como estão recordados, deixámos o nosso amigo entretido a proteger disquetes usando puro lacre da China...

E foi numa dessas alturas que entrou o Prof. Marques de Olivença, responsável pela segurança...

«Lacre?! Protecção de dados-e-emprestados?! Isso é comigo, Jeremias! Deixe-me cá ver como é que você está a fazer isso!»

O professor deu uma rápida vista de olhos e comentou:

«Que segurança é que você acha que esta porcaria tem? Você não vê que qualquer pessoa viola o lacre e o volta a pôr?! Idiota! Eu vou-lhe mostrar como é que se faz!»

E, aproveitando uma disquete ainda não protegida, deitou um gigantesco pingo de lacre na correição.

«Agora preste atenção, seu idiota, que isto não é tarefa para o comum dos mortais!»

E, exibindo um anel de brasão com sinete que até aí passara despercebido, procedeu a um estranho ritual:

Olhou o adereço, fixou-o demoradamente, e murmurou, como se falasse com ele:

«Desculpa...»

Em seguida, deu-lhe uma respeitosa cuspidela e só então marcou o lacre cuidadosamente mas com decisão e vigor.

«Quanto às outras duas disquetes, mande o paquete entregar-mas por correio interno. O Dr. Soninhos que faça uma comunicação a pedir-me o favor de as encriptar como fiz com esta».

Jeremias ficou siderado!

O Prof. Marques era nobre?!

À hora do almoço pôs o pessoal ao corrente dessa sua surpresa. E ouviu a resposta a que já estava habituado:

«Ó Jeremias... só tu é que não sabias!»

O nosso amigo também, em tempos, ouvira dizer que ele mesmo tinha nobres na família. Mas sempre pensara que era algum bisavô ligado ao negócio de carnes e enchidos...

Agora, pensando melhor... Que raio! Era preciso averiguar isso da árvore genealógica! Quem sabe se, revendo um pouco a Botânica, não encontraria qualquer coisa que pudesse esfregar na cara do Professor quando ele voltasse a falar-lhe com aqueles ares superiores?!

Mas, acima de tudo, houve uma frase que o pôs com a pulga atrás da orelha. Dissera-lhe um colega:

«Põe-te a pau, Jeremias... Olha que o gajo não grama os informáticos como tu... nem por nada!»

«Porquê?!» - quis ele saber, já preocupado.

«Não sei pormenores... só sei que foi por causa de um maluco como tu que ele ficou com um bit a menos...»

«Um bit a menos?!» Jeremias nunca ouvira tal expressão para designar um maluquinho!

Mas a história até era rápida de contar:

Em tempos, o Prof. estivera numa outra firma. Tudo corraera bem até à altura em que instalaram o Correio Electrónico...

Apesar de se tratar de uma empresa que Respirava a Espuma da Crista da Onda da Tecnologia Informática (como eles apregoavam...) o correio electrónico era de 7 bits, não permitindo cedilhas nem acentos...

Nada de muito grave, claro... há muitas firmas assim, a começar por uma loja de animais de estimação que se especializou em cágados...

O pior foi que o nosso Professor passou, de um dia para o outro, de Sr. Marquês de Olivença... a, simplesmente, Sr. Marques de Olivença ... Ou até, por um engano natural e frequente, a Marques de Oliveira!

«Odeio e-mails! Odeio bits! Odeio essa cambada toda!»

E batera com a porta. Agora, na ZZZ, sentia-se confortável, feliz e respeitado.

Claro que, quando a empresa comprara um NetPac dera um salto:

«Quantos bits vêm aí nessa caixa?!»

Alguém, com espírito caridoso e já sabendo da história, lhe dissera que a caixa continha 8 bits... e até eram a cores...

«Ah, sim... tem bits a cores... Pois então muito bem... Quero o meu nome em bits azuis»

A tudo lhe disseram que sim... O Sr. Professor não podia ser contrariado...

Verdade se diga que era difícil!

Já por diversas vezes algumas pessoas, mesmo seus superiores, o tinham tentado. Mas, fosse por natural inteligência, por espírito confuso ou por dotes de argumentação que a carreira de leis lhe dera, argumentar com ele não era tarefa fácil!

Ficou para a história a famosa discussão em que ele, virando-se para o Director-dos-Negócios-de-Além-Mar lhe disse, derrubando o jarrão da China com um gesto com que apenas pretendia reforçar as ideias:

«Pois fique sabendo que...»

Qual terá sido a discussão que celebrizou o Professor?

Será que ele não sofreu as consequências de falar assim com um superior?!

Que estranho poder teria esse homem para que todos se dobrassem à sua vontade soberana?!

Terá sido na sua condição de causídico arguto ou na de nobre de raízes afonsinas que ficou para a história da empresa?

Não perca a continuação desta saga fabulosa!

Capítulo V

Prefácio

Como estão recordados, deixámos o Marquês de Olivença preparando-se para um a violenta altercação...

Mas nada disso interessa por agora, pois está na altura... do Prefácio...

Já houve quem dissesse que:

«Prefácio é uma coisa que se escreve no fim para se ler no princípio, e que ninguém lê; nem no princípio nem no fim».

E foi tendo em conta essa grande verdade que eu, o autor, resolvi colocar o prefácio no meio.

Pois bem, serei rápido.

Muita gente me tem perguntado se o Jeremias e a ZZZ existem. Nestes casos, costuma-se dizer:

«Não senhor! Não existem nada! Seria uma desagradável coincidência se (...) e se (...), etc».

Pois, neste caso, não é nada disso.

Existem, sim senhor! Simplesmente de uma forma que não é a que estão a pensar...

Jeremias é representativo, apenas. É um símbolo da rapaziada que - mais do que incompreendida - não consegue compreender!

É que ultrapassa a capacidade de raciocínio das pessoas mais novas o que se está a passar com a maioria das outras que, hoje, já passaram a casa dos “quarenta e tais”.

Como é que se consegue explicar a um jovem (com o cérebro acabado de formatar na escola) que pessoas do mais alto nível não são capazes de escrever um simples e-mail?!

Nem sequer de manejar um rato?!

Como é que alguém (que ande com os pés neste mundo) consegue perceber que uma firma que se dedica 100% à exportação use o telex (leram bem, leitores!!!) como meio privilegiado de comunicação com o mundo quando a Internet se aproxima dos 30 anos de idade?!

Pois é. A ZZZ existe, mas também simbolicamente.

Muitas das situações descritas passaram-se, à parte a caricatura das histórias.

E passaram-se em várias empresas, escolas, autarquias, ministérios, repartições públicas...

Foi só por comodidade literária que o autor colocou essa espécie de jardim zoológico no mesmo lugar inventado:

A “ZZZ, Indústria de Almofadas, SA”.

«Com ZZZ-Almofadas, noitinhas descansadas!». Fora o slogan inspirado de um dos sócios fundadores...

A ZZZ é a única empresa do mundo - presume-se - em que os empregados não são punidos por serem encontrados a dormir! Antes são louvados, acarinhados e promovidos.

Não se trata de falta de liderança nem de uma qualquer perversão da hierarquia... Nada disso! É que “andar a dormir” é considerado glorioso, face aos estatutos de uma empresa de almofadas como a ZZZ.

Pois foi aí que caiu o Jeremias, como contratado a prazo!

Curiosidade:

Enquanto a maioria das pessoas nessas condições luta por segurar o posto de trabalho, o nosso amigo conta os dias que lhe faltam para sair!

«Tirem-me daqui!» - é a frase que mais se lhe ouve...

Mas foi num almoço quase conspirativo que o nosso amigo começou a pensar que algo de muito misterioso se passava na empresa...

Nota-se agora que o autor abandonou o tom de prefácio.

Voltemos, então, à ficção. Onde acabará ela? Onde começará a realidade pura e dura?

Veja o próximo capítulo:

«Jeremias e o grande segredo...»

Capítulo VI

Jeremias e o grande segredo...

Aliás, o autor resolveu à última hora alterar o título do capítulo, que passará então a ser:

Capítulo VI-a

O segredo do Dr. Robert

Dr. Robert é uma personagem misteriosa... aliás, diziam as más línguas, que nem sequer é doutor... Mas quem se atreveria, na ZZZ, a pedir-lhe a carta de curso?! Sim, quem?!

Há também quem sustente que ele é formado por uma universidade inglesa, o que o seu nome pode ajudar a credibilizar...

Mas a verdade é muito mais dura!

Aliás, a verdade é tão incrível, que é por casos como este que se diz muitas vezes que “a realidade ultrapassa a ficção”.

A confissão do Dr. Robert passou-se assim:

Um dia, na cantina, Jeremias e ele almoçavam juntos.

«Ainda me faltam dois meses, Doutor, para terminar o meu contrato a prazo!»

«Porque é que não te piras antes que pires?» - O doutor sempre adorou trocadilhos.

«Ao mesmo tempo tenho pena desta malta, doutor. Acha que eu tinha coragem de os deixar desamparados em termos de informática?!»

«Não te preocupes, Jeremias, eles têm o SCP (Serviço de Complicadores Profissionais). Eles que se aturem entre si! Estão todos bem uns para os outros, os de baixo e os de cima!»

Jeremias fez que “sim” com a cabeça, mas o seu cérebro dizia que “não”...

«Confessa, rapaz, tu também andas em busca do famoso mistério da ZZZ?!»

O nosso amigo deu um salto na cadeira! O famoso mistério da ZZZ?! Será que o Dr. Robert saberia alguma coisa?

De vez em quando, de facto, já vira na penumbra dos corredores, vultos suspeitos a conspirar... Afastavam-se ao vê-lo, quais sombras do mal... Eram, decerto, os detentores do segredo!

«Antes de mais, meu jovem, vou ter que te contar o segredo da minha vida! Não aguento mais! Tenho que desabafar!» - e a cabeça caiu-lhe para a concha das mãos, soluçando.

Vendo que o companheiro perdera o apetite, Jeremias, enquanto o animava, ia-lhe rapinando os rissóis e os croquetes.

Por fim, recompondo-se, o bom do doutor continuou:

«Sabes, meu rapaz? Sou tanto Doutor como tu... Ou melhor: tu ainda tens estudos, enquanto eu... tenho a escola da vida, como se diz por aí...» - e chorava!

Desde muito jovem o homem trabalhara nas feiras... Os mais velhos dos meus leitores decerto se recordarão dos Robertos...

«Você trabalhava com Robertos?! Ó, doutor! Mas isso é maravilhoso! E fazia aquela voz de cana rachada?!»

«Pois é claro!»

Aqui, houve um pequeno percalço:

O “doutor” (a partir daqui as aspas são indispensáveis...) pronunciou essa interjeição em voz alta, no tom esganiçado a que a conversa se referia, e toda a gente no refeitório ficou a olhar...

Disfarçando o melhor que pôde, continuou, agora em surdina:

«Já está a ver de onde me veio o nome... Na minha terra era apenas o Zé Xarolas. Roberto passou a ser o meu “nome artístico”...»

«Desculpe» - interrompeu o nosso amigo - «Mas a ideia de inglesar o nome também foi sua?»

«Ah, não, essa é outra história! Um dia, numa outra empresa em que estive, ao imprimir uma carta o computador deu uma mensagem de erro: “o seu texto está fora da área de impressão. Quer continuar?”. Fiz OK, e o Roberto acabou por sair Robert! Adorei, e assim ficou...».

Jeremias não cabia em si de espantado!

«E a ideia de tomar o título de Doutor como é que nasceu?».

«Bem... foi também nessa época das feiras, fazia parte da alcunha que escolhi para mim próprio... O meu espectáculo incluía, como era hábito nessa época, uns ratinhos amestrados. Era eu que os ensinava, claro... E um belo dia pensei: quando deixar esta vida, já sei o que vou fazer! Se me perguntarem o que sou, respondo “DR”. Só eu é que sei que tem o significado de Domesticador de Ratos...».

E até se engasgou com a gargalhada gigantesca que atroou o refeitório:

«E pensar que esta cambada de idiotas treme toda com medo do Dr. Robert!!!»

Mas ainda não foi neste capítulo que o nosso amigo ficou a saber o mistério da ZZZ...

Será no próximo dia? Ou apenas veremos adensarem-se as trevas da dúvida?!

Capítulo V I I

Jeremias e o grande segredo...

Será que é neste capítulo que se vai ficar a saber o mistério que envolve a ZZZ?
Será que as brumas da dúvida se vão dispersar?
Vejam os!

Jeremias e o “doutor”, sentindo-se observados, levantaram-se e saíram. Mas o ar conspirativo que afivelavam tornava-os presa fácil dos esbirros do capital.

Decidiram, pois, separar-se e encontrar-se mais tarde, a horas mortas...

«Vou então pôr-te a par das minhas suspeitas!» - começou Robert, já no recato do seu gabinete almofadado.

«Deves ter reparado que, ultimamente, apareceu uma nova secção aqui na empresa... É o Make-Papers Department, e o seu nome diz tudo... Ora, como sabes, está para nascer mais uma enorme central de queima de lixos. O papel é uma óptima matéria prima, e tenho fortes razões para suspeitar que o Dr. Carvalho tem interesses no empreendimento...»

«E depois? Que mal tem isso?!» - admirou-se o nosso amigo.

«Ah, rapaz... falas assim porque ainda não caíste nas mãos da seita dos Make-Papers...» - retrucou o outro, compreensivo...

«Mas há mais! Suspeito também seriamente que há um outro lobby secreto aqui na casa... Chamemos-lhe o Grupo dos Confettis, e acho que, de uma forma ou de outra, ambos estão ligados! Mas mais para o mal do que para o bem!»

Jeremias percebia cada vez menos! Make-Papers, Grupo dos Confettis... estaria tudo doido?!

«Custa a crer, não custa?! Pois é... mas eu suspeito de coisas muito piores! Eu acho que o Dr. Soninhos gostaria de se ver livre do Dr. Carvalho. Mas, como não consegue, decidiu juntar-se-lhe... Abriu uma indústria de confettis, e exige ficar com todas as rodelinhas resultantes das furações das páginas que o outro cria! Não é maquiavélico?!»

Jeremias começava a acreditar!

«**E isso dá dinheiro?**» - estranhou ele.

«Oh, se dá! Mas esta malta dos negócios nunca está satisfeita! E sabes o que se passou depois?! O Dr. Soninhos, armado em chantagista,

aumentou as exigências! Os papeis passaram a ter 4 furos! Quer dizer: aumentou em 100% a quantidade de matéria prima!»

«E como é que você sabe isso tudo?! Ou são só suspeitas?»

«Ora bem... eu tive acesso a este cálculo, mandado elaborar pelo prejudicado (refiro-me ao Carvalhal, claro) ao Gabinete de Cálculo de Materiais. Não achas suspeito?!»

“Cálculo de matéria-prima desperdiçada por cada tetra-furação numa página A4 (DIN), 80 g / m² :

O diâmetro de um furo de furadora é para aí uns 4 ou 5 mm.

Tiramos a média, o que dá 4, 500 mm.

Vamos depois, a seu tempo, ter em conta que a área do círculo é aproximadamente:

$$S = \Pi R^2 = \Pi D^2 : 4$$

Mas vamos, primeiro, resolver outro problema:

decidir qual a precisão com que se quer o número Π .

Tendo em conta a mnemónica “Vai à aula o rapaz aprender um número usado nos arcos”, teremos:

$$\Pi = 3, 141 582 653 5$$

No entanto, como esta mnemónica foi inventada numa altura em que *aprender* se escrevia com dois pês (*aprender*), o valor da constante deverá ser corrigido, pelo que tomaremos:

$$\Pi = 3, 141 592 653 5$$

Assim, para os 4 furos, a coisa dá, após arredondamento:

$$(S)_{4 \text{ furos}} = 3, 141 592 653 5 \times 4, 500^2 = 63, 617 251 233 4 \text{ mm}^2$$

«Logo nas primeiras palavras se vê quem mandou fazer o estudo: lá diz: “matéria-prima desperdiçada”, o que só é válido numa perspectiva,

porque o que é desperdício para um é lucro chorudo para o outro!» - e continuou, eufórico:

«Só apanhei esta página. Na outra, que ainda cheguei a ver de relance, convertiam este valor em microgramas, etc., etc. Só te digo que no fim dá alguns contos de reis só em papel bruto, e MUITO dinheiro em termos de confettis!!» - terminou Dr. Robert recostando-se, fatigado com o esforço intelectual despendido.

«E o que é que eu posso fazer por si, doutor?» - perguntou o rapaz, confuso por se ver envolvido nos altos segredos da empresa.

«Usar os teus conhecimentos de electrónica para me ajudar a desmarcará-los, claro! Tanto mais que se prevê, no próximo meeting de Decisões Totais uma intervenção do Dr. Garcês que vai ameaçar fortemente o negócio dos confettis... Por isso, a solução é montar uma escuta!»

«Não conte comigo para coisas dessas, doutor! É mais fácil ver se me convidam...»

Uma gargalhada sonora atravessou o almofadado da porta e ecoou no corredor.

«Nem penses nisso! Então tu achas que te vão convidar para uma reunião em que se vão discutir coisas decisivas como o número de furos dos dossiês?! Quem é que tu julgas que és aqui na casa, hem?!»

Pensando ter reduzido o nosso amigo à sua insignificância, o falso doutor nem sonha a surpresa que Jeremias, despeitado, lhe reserva!

Capítulo V I I I

Os Lápis, problema bicudo!

Será que é neste capítulo que Jeremias se conseguirá infiltrar no meio dos representantes do Capital?
Vejamos!

«Que é isto?!?!» - o berro do Dr. Soninhos ouvia-se até na rua!
«Quem fez esta vergonha?!»

O que se passara fora o seguinte:

Aparecera um vírus no computador do Doutor. Até aí, nada de novo, pois vírus era coisa frequente nessa época e nessa empresa. Mas era de um tipo muito especial... parecia ser um vírus português!

«Vejam-me só esta coisa! Um boneco do Zé Povinho a fazer um manguito! E mexe-se!!!»

Isso sim, que valia a pena ser visto... Um vírus que nem os mais famosos antivírus detectavam, pois lá para a Califórnia vírus lusitanos não era coisa que houvesse...

«Exporta-se o gajo, Doutor! Exporta-se o vírus lá para a McAfee, para que os tipos descubram como é que se trata dele!» - foi a inteligente sugestão do Jeremias...

«Boa ideia! Se você conseguir livrar-me desta coisa, convido-o para assistir ao próximo meeting de Decisões Totais! E olhe que vão ser lá discutidas acções importantes!»

O Dr. perdera a cabeça, com tanta generosidade. Mas as suas palavras soavam como música aos ouvidos do nosso amigo! Estava em vias de se infiltrar!

Ora o vírus não aparecia sempre. Era só quando se tratava de operações financeiras!

Em breve Jeremias descobriu o que se passara:

Quando alguém, na empresa, escrevia nas encomendas: “Pagamento a 180 dias” (frase essa da predilecção do Dr. Soninhos) o écran começava a tremer, escurecia, e aparecia a certa altura o boneco do Rafael Bordalo Pinheiro! Por cima, uma enorme frase, como que saída da boca do Zé Povinho, atravessava o monitor: “Querias!”.

Depois, à medida que o número “180” ia sendo emendado, o boneco ia ficando cada vez mais pequeno... e desaparecia quando se escrevia “30”!

«Foi algum fornecedor que nos mandou isto para cá! Olhem se nós tivéssemos EDI!!! Já viram o que era?!»

Vamos deixar os leitores na penumbra da dúvida sobre se - sim ou não... - teria sido o Jeremias quem infectou o computador...

Saltemos já para a reunião magna, marcada para as 15h.

15h 00m: Jeremias espera, à porta, que chegue mais alguém.

15h 30m: À porta, Jeremias continua à espera chegue mais alguém.

16h 00m: Jeremias continua à porta, à espera que chegue mais alguém.

16h 30m: Chega o Dr. Robert.

«Olha lá, ó Jeremias, em que escola é que andaste?! Não aprendeste a diferença entre Tensão Nominal e Tensão Real?»

O nosso amigo percebeu onde o outro queria chegar... os horários de reuniões também tinham Valores Nominais e Valores Reais...

Mas o conciliábulo acabou por se realizar, e o Dr. Garcês começou logo a atacar!

«Tenho uma proposta a fazer» - avançou, sonso - «Proponho que os papeis dos dossiês deixem de ter furos. Só isto!»

Fez-se um silêncio de morte na sala! Mas em breve explodiram as paixões escondidas! O Dr. Carvalhal, feliz por ter encontrado um aliado contra a Mafia dos confettis, exultava... O Dr. Soninhos, vendo-se encurralado, roía as unhas de raiva, procurando um argumento certo.

E saiu-se com esta:

«Olhe lá, ó Dr. Garcês... se isso é assim tão bom, porque é que não utiliza esse método nos seus trabalhos?!»

Touché! Para o Dr. Garcês, tanto se lhe fazia que usassem dossiês como não... Para ele, até uns papeis atados com uma corda da bacalhau serviriam... Apenas um ódio surdo e inconfessável o movia a fazer aquela intervenção! E conseguira a desagregação total! Agudizara as contradições, ao bom estilo maoísta, e ria-se interiormente à gargalhada!

O que valeu foi o adiantado da hora, pois havia mais um ponto importante a discutir:

Deverão ou não os colaboradores da ZZZ estar autorizados a representar o logotipo da empresa como muito bem lhes apetecer?

Num rápido apanhado, tinham sido identificadas 22 maneiras diferentes de o fazer, e todas a uso!

«Eu voto neste» - disse a certa altura o Dr. Guarani.

Mas houve bom-senso da mesa:

«Você não tem nada que votar nem deixar de votar! O logotipo da ZZZ é o que está patenteado e acabou-se!».

«E qual destes 22 é o legal?!» - perguntou Dr. Robert.

Fez-se um silêncio de morte!

«Pois se ninguém sabe... vamos a votos! Eu voto neste...» - era o Dr. Guarani a insistir!

A sessão foi interrompida, não sem antes ter sido nomeada uma comissão de estudo (composta por todos os presentes) para analisar o assunto.

O nosso amigo Jeremias foi nomeado para a árdua tarefa de ir pelos gabinetes, de mesa em mesa, recolher amostras... o que só fez com que se desencantassem mais 23 modelos novos:

Havia-os às risquinhas, aos quadradinhos, estilizados, em positivo, em negativo, com sombreado, em relevo... parecia até impossível como se conseguira inventar tanto!

A comissão, depois de muita má-língua e da consulta dos textos legais, identificou o correcto!

A sua “implementação” seria objecto de uma directiva do Conselho de Administração, que reuniria no mês seguinte...

Até lá, Jeremias ainda teve o privilégio de participar em mais duas discussões:

Poderão os lápis ser considerados “consumíveis”, ou a sua compra deverá ser encarada como um investimento? Deverá ser tida em conta a dureza, ou apenas a possibilidade de compra a granel, à dúzia e à groza?

Aliás, sendo que tal caso pode vir a criar uma espécie de jurisprudência, aqui se dá conta do que foi decidido:

DECISÃO 1 - Lápis N.º 1, por sua natureza objectos de consumo rápido, poderão ser considerados na categoria de consumíveis. Desaconselha-se vivamente a sua compra.

Quanto aos lápis de dureza superior, pela sua perenidade intrínseca, deverão ser objecto de um Pedido de Investimento a aprovar pelo C. A. Está em estudo disposição semelhante para as borrachas de tinta e de papel.

A outra discussão, mais subtil, só será revelada no próximo capítulo...

O que será que vai ser discutido?

Está desmascarado o *lobby* do papel e o dos *confettis*. Mas quem estará por trás do *lobby* dos lápis? E do das borrachas?

Ou será que o próximo capítulo apenas vai desenterrar novos mistérios e contradições do Capital?!

Capítulo I X

A Renovação da Frota

Já infiltrado no meio dos representantes do capitalismo selvagem, Jeremias prepara-se agora para ficar por dentro de mais outra decisão crucial !

«É uma vergonha» - foi com estas palavras, proferidas pelo Professor Marques, que a sessão começou.

«A nossa frota de computadores é um descalabro total ! Tem que ser renovada urgentemente !» - continuou.

O GCD, a quem foi dada a palavra, fez o ponto das existências:

«Temos: um Pentium MMX na sala principal para quando há entrevistas com a imprensa; sete Pentium 200 entregues aos presentes nesta sala (quando me refiro a presentes não me refiro aqui ao nosso amigo Jeremias, que não conta, e está aqui por favor...). Bem, já agora, aproveito para vos recordar que convém ligá-los de vez em quando... Os PCs são como os carros, têm que se pôr a funcionar pelo menos uma vez por semana... Isto faz-me lembrar aquela história do velhinho, casado com uma gaja nova e que...»

«Deixe-se de ordinarices e continue !» - interrompeu-o Dr. Robert, que já conhecia a anedota e a achava de muito mau gosto numa reunião de tops.

«Bem... Temos depois quarenta PCs 286 e quarenta Spectrum ligados a outros tantos televisores monocromáticos».

Depois, exaltando-se e levantando a voz, continuou:

«É eu pergunto se é assim equipados que vamos enfrentar o século que se avizinha!!» - e brandia o relatório, furioso e consciente da sua razão.

«Nunca imaginei que a situação fosse tão dramática...» - suspirou o Dr. Carvalhal.

«Quanto é que custarão quarenta televisores a cores para substituir os monocromáticos?» - quis saber o Dr. Garcês.

Bem, o resto da história é mais do que previsível:

Foi nomeada uma comissão de estudo, e no mês seguinte foram analisados os resultados.

Ficou resolvido que os Spectrum seriam vendidos, os 286 passariam para os que tinham Spectrum, e seriam adquiridos outros tantos 386 com monitor monocromático.

As televisões, se não se conseguissem vender, seriam oferecidas a escolas carenciadas.

E Jeremias foi nomeado por unanimidade para essa tarefa comercial.

Logicamente o nosso amigo não foi capaz de ir às Páginas Amarelas: sempre pronto para complicar as coisas simples, fez uma pesquisa na Internet, afixou vários posts nos Grupos de Discussão e consultou os anúncios classificados das edições on-line do Diário de Notícias.

E foi assim que, (após gastar dois dias numa pesquisa que poderia ter demorado apenas 15 minutos se fosse “pelos seus dedos”) Jeremias se propôs resolver o problema.

Logo no dia seguinte, ao volante da camioneta da ZZZ, o nosso amigo parava à porta da “Su-K-Ta Ap-Grayde, Lda”, conceituada empresa de informática com sede no Alvito.

Após longas negociações, o dono da firma anuiu:

«Aceito, pronto. São 500\$ por cada televisor e 500\$ por cada Spectrum. Dá 40 000\$ ao todo».

«O que é que dirão os meus superiores quando lá aparecer só com esse dinheiro? !» - resmungou Jeremias, insatisfeito com o resultado. «Vão decerto dizer que não tenho sentido comercial...»

Ao ouvir isto, o comerciante parou, e fixou-o de olhos esbugalhados:

«Espere lá, ó sócio! Você parece que não percebeu a coisa! Os 40 000\$ é você que tem de nos pagar por eu o livrar desta porcaria!»

O nosso amigo todos os dias aprende qualquer coisa na ZZZ ! Por isso é que ele continua indefinidamente apegado à firma... Onde, como ali, poderia obter formação tão completa em Gestão?!

Capítulo X

A Bronca!

Jeremias estava novamente muito malvisto! Por mais que recorresse às tecnologias de informação, não conseguia encontrar quem lhe comprasse os computadores velhos! Mas drama muito pior está em vias de se abater sobre a ZZZ!

«Olha! O meu 286 afinal é um 486!»

«E o meu é um Pentium!»

«E o meu tem modem!»

Essa agitação tinha uma estranha razão de ser:

Durante muito tempo, os utentes dos computadores 286, incapazes de obter coisa melhor para o seu trabalho, enveredaram pela “ilegalidade construtiva”:

Começaram, às escondidas e por vezes do seu próprio bolso, a fazer up-grades dos seus trambolhos, que mantinham, apenas para efeitos de fachada, uma enorme etiqueta a dizer:

“I♥my 286”

E agora dera-se a grande bronca:

Os desgraçados que sempre tinham sido obrigados a trabalhar com Spectrum viam-se agora contemplados com PCs relativamente modernos, a maior parte com modem interno, ligação à Internet e outras mariquices...

E os antigos utilizadores deles, viram-se presenteados com 386 e obrigados a começar, em segredo, tudo de novo!

Aliás, vem a propósito contar uma outra história:

Muita gente queixava-se, também, que os seus computadores, quando muito, só permitiam versões cavernícolas do Word, quando já qualquer pessoa tinha em casa as versões 6 ou mesmo a 7...

Isto passava-se em 1997, e o Office 97 já espreitava no horizonte...

Consciente desse problema, o Prof. Marques propôs uma solução: cursos para todos!

O nosso amigo Jeremias foi então encarregado de organizar aquilo a que foi chamado “Formação regressiva com efeitos retroactivos”. Queria isso dizer:

Quem soubesse uma determinada versão de qualquer software seria obrigado a aprender a anterior.

Quem também soubesse essa, deveria aprender a outra ainda mais velha...

E assim por diante, em sucessivos cursos de desactualização e “des-reciclagem construtiva” como lhes chamou o Dr. Guarani quando pediu o respectivo subsídio ao Fundo Social Europeu...

Ainda hoje não se sabe porque é que o subsídio foi negado...

«Tivessem pedido ao PEDIP...» - sugeriu o Dr. Soninhos.

«Esse não, que é um programa coxo...» - argumentou Dr. Robert.

«Coxo?! Como assim, Dr.?»

«Se não é coxo é pernetá... O programa devia chamar-se PEDIR...»

Nunca se sabia quando é que o Dr. Robert falava a sério ou a brincar...

— ooOoo —

Mas essa história dos PCs artilhados e com Internet veio a saber-se... E, como era de prever, a ordem para retirar isso tudo, veio célere!

É, pois, chegada a altura de vos contar como foi...

«Ó Professor Marques! O senhor não se esqueça que (ainda...) é o responsável pela segurança de dados aqui desta firma!»

Se o Professor tivesse visto que o “ainda” estava em itálico, teria ficado um pouco mais preocupado... além de que o chefe estava mesmo zangado!

«Com que então, temos Internetes montadas por aí...»

E tinha havido um requinte de provocação, que fora o que fizera transbordar o copo:

Com um sentido de humor que um patrão como este não engole facilmente, alguém - decerto a horas mortas - instalara o Netscape no seu computador!!

Era preciso acabar com essa bagunça... e já!

E, mesmo que fossem precisos, não era por faltarem motivos, razões ou pretextos. Arranjava-se muita coisa:

Os perigos dos hackers e dos crackers... a perda de produtividade... a pornografia... o desassossego... a indisciplina...

«Dê uma volta nos computadores todos e limpe esses programas. Já! TODOS!»

«Mesmo no seu, Chefe?...»

«Claro! Nesse, MUITO ESPECIALMENTE!!!»

O “já” do chefe era mesmo um JÁ!

E assim foi. No dia seguinte, embora odiado por todos, o Professor brilhava perante a hierarquia. Viera de noite, sorrateiro e eficaz, e fizera uma limpeza total!

Em todos deixara um papelinho:

«Desculpe, colega, mas são ordens do patrão»

«Chefe... Já não há um único modem, nem um único Explorer, nem um único Netscape! Aproveitei, e dentro do mesmo espírito limpei também todos os jogos. Está mais do que provado que as pessoas perdem dez vezes mais tempo com os joguinhos (que todos os computadores já trazem) do que com a Internet (que só alguns é que têm)»

«Que história é essa de joguinhos?! Espere aí, ó Professor Marques... Eu nem o estou a ouvir bem... Você fez mesmo isso em TODOS os computadores?! NO MEU TAMBÉM????!! RUA!!!!!»

Deixemos o pobre Professor à procura da caixa de Primeiros Socorros... Não para si mesmo, mas para reanimar o Chefe, que sucumbira de emoção...

Capítulo X I

A Pesquisa

Mas o mundo dá muita volta! E em breve a necessidade da Internet se vai tornar avassaladora, mesmo - e especialmente! - para os que mofavam dela!

«Ó Jeremias, não consigo encontrar isto em lado nenhum... Você, lá nas suas Internetes, não consegue descobrir a morada do representante desta coisa?» - quem falava assim era o Dr. Carvalhal, um dos muitos que aplaudira entusiasticamente a retirada dos modems...

Mas, evidentemente, alguns foram mantidos, e Jeremias teve a sorte de ver o seu PC incluído. Sorte ou azar, não se sabe, porque acabava sempre por ser um Cyber-moço-de-recados para os snobs que pareciam ufanar-se do seu próprio analfabetismo digital:

«Ó Jeremias, procure lá isto... ó Jeremias, descubra lá aquilo...»

Mas, desta vez, era bom demais!

O Dr. Carvalhal estava mesmo à-rasquinha! Precisava urgentemente de descobrir o fabricante misterioso cuja marca vinha gravada numa anilha de aço.

Uma anilha especial, pelos vistos... Especial, importante e urgente!

O nosso amigo pegou no objecto e conteve o riso.

Fez um ar sério, sentou-se com impensável à-vontade em frente do Doutor e fez-lhe algumas perguntas:

Quis saber de onde tinha vindo aquela amostra, se havia alguma norma DIN ou EN que a enquadrasse, se havia documentação técnica... Enfim, com alguma malícia Jeremias tratou de mostrar o quanto iria ser difícil resolver o problema.

«Isto nunca se sabe, Doutor... Pode ser rápido, pode ser lento... Como o senhor mesmo diz: a Internet é uma coisa muito lenta...»

«Ó homem, por isso é que eu o chamei! Use lá a sua Internet e descubra! Não é isso que você passa a vida a dizer que é capaz de fazer?! Então mexa-se! Dou-lhe 48 horas!»

«Com o modem que eu tenho, não sei se chegará... É um de 9600...» - alegou o nosso amigo manhosamente.

«Então compre um duplo! Ou compre outro, para pôr em paralelo com esse! Ou em série, sei lá!»

E foi assim que Jeremias conseguiu autorização para comprar o seu modem de 33600...

Foram dois dias descansados...

Por fim, já próximo do prazo limite, apresentou-se no gabinete do Doutor.

«Importa-se, então, que vá à loja comprar a peça?»

O outro nem queria acreditar!

«Você... você encontrou?!» - gaguejava de emoção.

Jeremias, sem grandes explicações, saiu e voltou passadas algumas horas. Entregou a anilha especial ao Doutor e afastou-se.

«Espere lá, homem! Quanto é que isso custou?» - avançou o Doutor, metendo a mão ao bolso para procurar a carteira.

«Não se preocupe, nem chegou a 2\$50... Aliás ofereceram-ma, porque não tinham troco»

«Não é possível! E afinal quem é o representante dessa tal marca XONI?!»

«Não é XONI, Doutor... o senhor - ou melhor, nós...» - corrigiu Jeremias mesmo a tempo! - «... estávamos a ler a marca de pernas para o ar...»

Como se vê, nem sempre a Internet é tão boa como dizem!

Quantas horas de vã pesquisa teriam seriam consumidas se Jeremias tivesse, cegamente, posto os pesquisadores da WWW a trabalhar?

Há coisas que só uma intuição certa pode resolver!

FIM